

## Reflexão

### O desamparo e o cuidado na velhice

*Por Elvira Gotter*

**N**o exercício da minha profissão, como acompanhante terapêutica com idosos, me deparei muitas vezes com a tristeza ou depressão que, em muitos casos, acomete essa população e que estaria, também, relacionada à falta de cuidado na sua expressão essencial que corresponde a dar atenção, escutar de uma maneira diferenciada e amparar o outro na sua solidão ou na angústia provocada por suas perdas. Essa falta de cuidado pode-se manifestar no idoso como um mal-estar constante de angústia e desamparo.

Sabemos que na velhice acontece uma série de perdas relacionadas aos papéis sociais, aos laços afetivos, à saúde, entre outras. Essas perdas podem causar uma crise vital que pode ser vivenciada pelo idoso através de uma tristeza ou depressão. Ao serem irrecuperáveis, as perdas podem provocar uma quebra narcísica que confronta o sujeito com sua impotência perante a vida. Isso causa um sentimento de angústia e desamparo reforçado pela consciência do sentimento de finitude.



Nos primórdios da vida, devido a seu estado de desamparo, de fragilidade, de impotência, o ser humano é incapaz de satisfazer suas próprias necessidades vitais. Para sobreviver, o bebê precisará do cuidado da mãe ou substituto materno uma vez que ele não tem a capacidade, devido a imaturidade motora e psíquica, de realizar uma ação específica para pôr fim à tensão interna da necessidade. Sendo assim, o bebê procurará amparo no amor materno que, por meio do cuidado, o resguardará das ameaças indefinidas do mundo exterior.

A função materna, exercida pela mãe ou substituto da mãe, desempenhará, por meio dos cuidados corporais, uma grande influência na vida do bebê. A atitude afetiva da mãe lhe oferecerá um leque de experiências vitais, estabelecendo dessa maneira as primeiras relações objetivas que servirão de modelo para os futuros vínculos. Nessa relação com a mãe ou substituto da mãe é que se formará a base dos sentimentos de amparo e desamparo, de prazer e desprazer que acompanhará o sujeito durante toda sua vida. Sendo assim, o desamparo inicial, originário, será fundante e estruturante do psiquismo.

O sentimento de desamparo pode acontecer em qualquer momento da vida do homem, sobretudo nos momentos de grande fragilidade. Na velhice não será

diferente, se pensarmos no idoso fragilizado pelas perdas que o acometem. Nesses momentos, ele depende do outro não só fisicamente como também emocionalmente, procurando contenção, proteção através do cuidado que esse outro possa lhe conceder.

Freud denomina *Hilflosigkeit* esse estado originário do sujeito, de desamparo. Laplanche e Pontalis, no Vocabulário da Psicanálise (1985, p.156), se referem à *Hilflosigkeit* como Estado de desamparo:

Termo da linguagem comum que na teoria freudiana assume um sentido específico: estado do lactante, que dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome) se revela impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia.

Segundo Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia - 1925-26* (1973), a angústia é a reação que a criança tem quando se depara com a falta do objeto. A criança demanda a presença da mãe porque, pela experiência, sabe que ela satisfará suas necessidades.

O idoso fragilizado demanda a presença do outro. Porém, em consequência da falta de contato social, de pessoas que o amparem em seu sofrimento, de projetos de vida, o indivíduo se isola, se abandona, surgindo dessa maneira o sentimento de desamparo que incide na autoestima e identidade do idoso.

Para Holanda Ferreira (2008-2016 s/p.) desamparo significa: 1- Falta de amparo; 2- Falta de proteção; 3- Abandono; penúria; 4- Ao desamparo: sem proteção; ao abandono. De acordo com essa definição, o indivíduo está sem o suporte, sem a sustentação de outro que o resguarde.

Freud, na obra *O Mal Estar na Civilização 1929-30* (1973) formula que são três as fontes do sofrimento humano: o próprio corpo que está condenado ao declínio e à destruição, as ameaças do mundo exterior e, por último, a relação com as outras pessoas. Essas três fontes de sofrimento se revelam na velhice por meio do sentimento de desamparo.

O sujeito na velhice se encontra em posição de desamparo e fragilidade com respeito a seu corpo devido não apenas ao declínio e à dependência física, como também ao sofrimento provocado pela consciência da finitude. Na falta de vínculos com outras pessoas, o desamparo se manifesta através do sentimento de solidão, da falta de amor e da proteção, de cuidado do outro.

As ameaças do mundo exterior estão representadas pela falta de respeito para com o idoso como, por exemplo, calçadas mal cuidadas que podem levar a graves tombos, entre outras muitas ameaças.

Na pós-modernidade, esse estado de desamparo causador de angústia pareceria estar mais evidente, pela dificuldade que o idoso tem em realizar novos laços sociais, devido à fragilidade dos vínculos que o outro possa proporcionar, no sentido da falta de capacidade de oferecer uma escuta diferenciada, de atender às necessidades do idoso e de acolhê-lo afetivamente. Segundo Gotter (2013, p.4):

Muitas vezes o idoso não aceita o lugar que lhe assinala a sociedade, o que lhe provoca uma sensação de vazio e desamparo, especialmente quando o outro já não mais lhe aponta o seu lugar e não pode ser nomeado desde esse lugar, por exemplo, como resultado da aposentadoria. Esta situação lhe provoca um sentimento desvalorizado da estima de si.

O sentimento de estima de si é a forma como o sujeito se valoriza positiva ou negativamente segundo um sistema de ideais (Hornstein, 2002). O idoso que está amparado, que está cuidado por outro, poderá exercer melhor sua autonomia e sua independência como “capacidade de decisão e comando, independência, capacidade de realizar algo com seus próprios meios” (Pacheco Paschoal, 1999, p. 316). Também terá a possibilidade de ressignificar sua própria vida através da história de vida contada pelo próprio idoso.

Conforme Franco (2013) a função de amparo, provoca um sentimento de seguridade no eu permitindo a simbolização e a significação, enquanto o estado de desamparo produz uma insegurança no eu devido à falta de sentido, à falta de significação, de consistência no simbólico sem conseguir achar um sentido próprio.

Se pensarmos no idoso fragilizado por uma perda psíquica, física ou afetiva, o cuidado se torna essencial para dar amparo, apoio, com responsabilidade e de uma forma efetiva e afetiva. Segundo Holanda Ferreira (2008-2016, s/p), a definição de cuidado é entre outras acepções “cautela, precaução, inquietação de espírito, diligência; desvelo. Expressão usada para pedir concentração ou cuidado em relação a algo”. Para Boff (1999, p.33):

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

O mesmo autor (1999) nos diz que o cuidado desde o ponto de vista fenomenológico se concretiza na nossa prática porque se mostra na nossa experiência. O cuidado faz parte da constituição do ser humano, ele significa preocupação, desvelo, solicitude, bom trato. A pessoa que cuida do outro deve realizá-lo com solicitude, com desvelo, com responsabilidade e também com inquietação e preocupação. Boff (2005, s/p.) afirma que “o cuidado funda um

novo *ethos*, no sentido originário da palavra *ethos* na filosofia grega: a forma como organizamos nossa casa, o mundo que habitamos com os seres humanos e com a natureza”.

Tanto o profissional como o familiar que cuida do idoso deve ter presente as atribuições do cuidado, que são a preocupação, o desvelo, a solicitude, o bom trato. É necessário desenvolver essa atitude do cuidar com responsabilidade e inquietação, pois a responsabilidade nos sujeita a responder pelas ações realizadas a respeito do cuidado do outro, por isso é importante realizá-lo com dedicação e, por último, a inquietação que nos leva a ação de cuidar.

Quando comecei a trabalhar com idosos percebi, pelo que contavam, a importância que tinha a hora da fisioterapia. O toque da massagem terapêutica era essencial para eles, e intuí que supria a falta do toque afetivo das pessoas que os rodeavam. Sentir-se tocado, seja com uma carícia, um beijo, um abraço é uma maneira de se sentir-se vivo, de perceber que faz sentido para o outro. Uma simples mostra de afeto, num momento de dor, pode dar um alívio e, muitas vezes, uma abertura para que o idoso fale a respeito dessa dor.



Reemitindo-nos a Heidegger (1926) em seu livro *Ser e Tempo*, ele usa a fábula de Higino para falar do cuidado como um modo de ser, ontológico<sup>1</sup>.

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: "Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o

<sup>1</sup> Ontológico: que tem a ver com a essência, com a identidade profunda, com a natureza de um ser, como, por exemplo, o cuidado essencial com referência ao ser humano. Ver Boff, 1999, p. 197.

corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil". (Boff, 1999, p. 46)

Segundo a fábula-mito, o cuidado está antes do espírito, antes da matéria. O Cuidado foi quem moldou o homem, é a ele que se lhe atribui, na fábula-mito, o cuidado do homem até sua morte. Segundo essa fábula-mito o cuidado é essencial para a vida do homem e, como diz Heidegger, o modo de ser que sujeita o homem a seu peregrinar pelo mundo.

Para finalizar, é importante que a pessoa que cuida do idoso tenha consciência da sua própria construção da velhice, baseada nas diferentes vivências dos idosos que conhece e dos diferentes discursos sobre a velhice internalizados no decorrer da vida, dessa maneira poderá entender melhor o idoso que depende dos seus cuidados e assisti-lo nas suas necessidades, sem preconceitos. Também é apropriada uma atitude, uma solicitude de cuidado com respeito a si mesmo, pois, ocupando-se de si, se ocupa do outro também.

## Referências

BOFF, L. *Saber cuidar Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Ed Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Revista Inclusão Social*, Vol. 1, No 1, 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/6/11>. Acessado 05/12/2015

FRANCO, Y. *Hilflosigkeit – inseguridad*. Disponível em: <http://www.elpsicoanalitico.com.ar/num12/clinica-franco-hilflosigkeit-inseguridad.php>, 2013. Acessado em 03/11/2015

FREUD, S. *Inibição, Sintoma e Angústia* (1925-26). In *Obras Completas*. Madri: Ed. Biblioteca Nueva, 1973.

\_\_\_\_\_. *El futuro de una ilusión* (1928). In *Obras Completas*. Madri: Ed. Biblioteca Nueva, 1973.

\_\_\_\_\_. *El Malestar en la civilización* (1929-30). In *Obras Completas*. Madri: Ed. Biblioteca Nueva, 1973.

GOTTER, M.E. M. *A manifestação de episódios depressivos na velhice: o corpo, as ideias hipocondríacas e o desamparo*, 2013. Disponível em: [http://geracoes.org.br/novo\\_site/artigo-a-manifestacao-de-episodios-](http://geracoes.org.br/novo_site/artigo-a-manifestacao-de-episodios-)

[depressivos-na-velhice-o-corpo-as-ideias-hipocondriacas-e-o-desamparo](#) /  
Acessado em 02/11/2015.

HEIDEGGER, M. *Ser y Tiempo* (1926) Edição digital. Disponível em:  
<http://www.philosophia.cl> Acessado em 04/11/2015.

HOLANDA FERREIRA, A.B (2008-2016). <http://www.dicionariodoaurelio.com/>.  
Acessado em 02/11/ 2015.

HORNSTEIN, L. *Narcisismo - Autoestima, identidade, alteridade*. Bs.As: Ed.  
Paidós, 2002.

LAPLANCHE, J; PONTALIS J.B *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Ed  
Martins Fonte, 1985.

PACHECO PASCHOAL, S.M. Autonomia e Independência In: Papaléo Neto, M.  
*Gerontologia*. São Paulo: Ed. Atheneu, 1999.

*Data de recebimento: 25/04/2016; Data de aceite: 18/05/2016.*

---

**Elvira Gotter** - Psicanalista. Pós-graduação *latu sensu* em Gerontologia. Pós-graduação *latu sensu* em Sexualidade Humana. Pós-graduação *latu sensu* em Psicopatologia Psicanalítica. Coordena Grupos de Reflexão e Grupos de Cinema – Reflexão. E-mail: [elviragotter@gmail.com](mailto:elviragotter@gmail.com)